

volume

19

Dezembro/2013

ISSN 1516-2095
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



A VOZ DO ESCRAVO: O ECO TRANSMISSOR DA CAUSA ABOLICIONISTA PELOTENSE

Mariana Couto Gonçalves¹

Resumo: A cidade de Pelotas, no transcorrer do século XIX, tornou-se proeminente na Província do Rio Grande do Sul devido ao poderio econômico gerado pela produção e exportação de carne salgada, desenvolvendo uma elite charqueadora e escravocrata. À medida que se estabeleciam novas charqueadas, a concentração de trabalhadores negros aumentava consideravelmente, chegando ao ápice em 1884, apresentando a maior porcentagem de escravos na Província. A partir da década de 80, a causa abolicionista alastrou-se pelo país e, em Pelotas, culminou na criação do jornal *A Voz do Escravo*, em 1881. O periódico nasceu com o propósito de ser o eco transmissor da campanha pela emancipação servil, tornando-se, dessa forma, a primeira manifestação impressa voltada exclusivamente à causa. Os escritores, jornalistas e redatores protestavam contra o trabalho escravo por meio de crônicas, críticas, denúncias, poemas e artigos. Assim, a publicação de *A Voz do Escravo* é considerada a primeira fase da Abolição pelotense. Dessa forma, a comunicação visa elucidar sobre as primeiras demonstrações contrárias ao trabalho escravo e como o periódico foi determinante para acentuar estas discussões, criando as bases do Clube Abolicionista e relatando o assassinato do escravo Jerônimo – símbolo da luta contra a escravidão em Pelotas.

Palavras-chave: *A Voz do Escravo*, Pelotas, Abolição.

Considerações iniciais

A substituição do trabalho escravo para o trabalho assalariado no Brasil passou a ser debatido na imprensa, intensificando-se durante a década de oitenta do século XIX. “A crise do escravismo e o crescimento dos grupos sociais contrários ao cativo permitem a ampliação do espaço nos periódicos para as chamadas ideias abolicionistas” (BARBOSA, 2010, p. 111). A imprensa apresentou-se como uma via de mão dupla: de um lado foi fundamental para denunciar os maus tratos em que os escravos eram submetidos, por intermédio da publicação de artigos, crônicas, poesias folhetins e outras manifestações dos abolicionistas. Por outro, atuava a favor do sistema escravista, publicando anúncios de compra, venda e fuga de escravos². Neste sentido, como destacam Morel e Barros (2003), os escravos deixaram marcas na imprensa como mercadorias ou como agentes históricos.

No Brasil, a relação da escravidão e imprensa pode ser percebida a partir de duas fases ou divisões cronológicas (MOREL; BARROS, 2003). Na primeira fase, de 1808³ ao final de 1870, predomina o silêncio ou a defesa

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bacharel em História pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CNPq. E-mail: marianacoutogon@gmail.com

²Gilberto Freyre foi um dos precursores em utilizar os anúncios de escravos como fonte histórica. Ver FREYRE, 2010.

³Em 1808, a palavra impressa será oficializada no Brasil com a transferência da família

perante a escravidão, com exceção de algumas vozes e indivíduos contrários ao sistema escravista. A segunda fase compreende a década de 1880, quando surgem os primeiros jornais abolicionistas, minoritários frente a uma maioria de impressos que defendia a escravidão. Apesar disso, à medida que o movimento abolicionista se solidificava e o sistema escravista desmoronava, os periódicos iam mudando a sua postura frente à causa. Indo de encontro a esta divisão, na Província do Rio Grande do Sul, há algumas manifestações favoráveis a Abolição a partir de 1868, com a criação da Sociedade do Partenon Literário⁴— entidade defendia a abolição gradual, preocupando-se com a causa e propagando algumas ideias na Revista Mensal do Partenon Literário.

No entanto, a campanha em si será intensificada a partir de 1880, apresentando-se de forma conturbada em Pelotas, sobretudo porque a principal atividade econômica da cidade era a produção e exportação do charque⁵. Com isso, a abolição acarretava problemas de ordem econômica aos charqueadores. Afinal, o charque precisava do escravo para ser produzido e servia de alimento para estes trabalhadores. “Então, criando problemas nos dois lados do mercado, tanto no de oferta de trabalho, quanto no de consumo, é natural que o clima na cidade sempre fosse muito tenso em relação a campanha abolicionista” (LONER, 2007, p. 58). Neste sentido, a Abolição em Pelotas contará com três fases distintas, nas quais duas vinculam-se a imprensa (LONER, 2007). A primeira diz respeito à publicação do jornal *A Voz do Escravo*, em 1881. A segunda fase contempla a criação do jornal *A Penna*, em 1884 e, por fim, a última diz respeito aos anos finais da escravidão. Por conseguinte, o artigo tem como objetivo elucidar sobre as primeiras demonstrações contrárias ao trabalho escravo a partir da publicação do jornal *A Voz do Escravo* (1881). O periódico será analisado a partir de três perspectivas: o assassinato do escravo Jerônimo, a criação do Club Abolicionista e a substituição da campanha abolicionista pela campanha política e eleitoral.

A Voz do Escravo: O eco transmissor da Causa abolicionista

O jornal *A Voz do Escravo* nasceu da associação de três pessoas paradigmáticas (LONER, 2007). João José Cezar vinculou-se à imprensa como

Real. O cenário dos impressos – livros e jornais – transforma-se a partir da criação da Imprensa Régia em 13 de maio de 1808 visando à divulgação das leis, notícias e de papéis diplomáticos.

⁴A Sociedade foi fundada na cidade de Porto Alegre em 18 de junho de 1868, visando a congregar intelectuais da capital e do interior da Província.

⁵Ressalta-se também a importância dos escravos urbanos para o desenvolvimento da cidade.

redator do jornal *Echo do Sul*, trabalhando na Folha da Tarde e como redator e coproprietário da *Chronica*, no Rio de Janeiro (ALVES, 1998). Manoel Conceição da Silva Santos⁶ atuava principalmente no campo político, auxiliando a formar as primeiras organizações negras, destacando-se no movimento abolicionista ligando a comunidade negra com abolicionistas brancos (LONER, 2013). Bernardo Taveira Junior era professor, escritor e colaborador dos principais jornais da cidade de Pelotas (GONÇALVES, 2012). Além dos fundadores, colaboraram com o periódico: Cônego Canabarro, Francisco de Paula Pires, Ferreira da Silva e Licurgo de Menezes.

O primeiro exemplar foi publicado em 16 de janeiro de 1881 a partir da tipografia do *Jornal do Comércio*. Posteriormente, passou a ser publicado na tipografia do jornal *A Discussão* e no *Diário de Pelotas*. Essas trocas serão decorrentes dos aspectos políticos que o periódico vai se vincular e defender, mas falaremos acerca disso mais adiante. *A Voz do Escravo* era editada e publicada quinzenalmente, apresentando-se aos leitores como uma publicação do órgão abolicionista. O objetivo era dar voz e/ou atuar como mediador daqueles que não eram ouvidos, como foi evidenciado no primeiro número: “Queremos ser o eco transmissor dos sentimentos desses nossos irmãos, que, lá em imundas senzalas esperam em vão por uma voz que os console” (*A VOZ DO ESCRAVO*, 16/01/1881, p.01). O jornal visava principiar a campanha em prol da emancipação do elemento servil em Pelotas e, para isso, publicava artigos, crônicas, cartas, notícias de outras Províncias, transcrições, poesias, etc. Na segunda edição, a redação reafirma seu objetivo: “transmitir aos nossos concidadãos os gemidos, os lamentos, as queixas do nosso semelhante, que em pleno século 19 ainda se acham fora da humanidade, privados de todos os seus direitos individuais e políticos” (*A VOZ DO ESCRAVO*, 30/01/1881, p. 01). A luta pelos direitos dos escravos ganha força com a morte do escravo Jerônimo, impulsionando as discussões em torno da Emancipação e expondo a opinião dos jornais e das personagens políticas da cidade.

O assassinato do escravo Jerônimo

Em março de 1881, a morte do escravo Jerônimo na charqueada de Paulino Teixeira da Costa Leite, desencadeia uma ampla divulgação e mobilização na cidade e na imprensa. Jerônimo contava com dezesseis anos de idade quando foi açoitado até a morte pelo capataz da charqueada, Manoel Oliveira, por ordem de Antonio Teixeira da Costa Leite. Apesar da denúncia ter sido publicada no jornal *Onze de Junho*, cujo responsável foi Manoel da

6 A família Silva Santos, uma das principais famílias de afrodescendentes de Pelotas, foi estudada por Loner (2013).

Silva Rangel, a *Voz do Escravo* atuou como o porta-voz da causa. O exemplar de 03 de abril de 1881 destina-se exclusivamente ao caso. Primeiramente, publica uma reivindicação destinada ao Ministro da Justiça na qual relata o crime e cobra justiça das autoridades para que o crime não fique impune. Os três artigos seguintes são extraídos do jornal *Onze de Junho*, relatando que Manoel da Silva Rangel havia se manifestado como denunciante da causa e solicita que as autoridades façam a exumação do corpo para provar que sua denúncia é verdadeira e que Jerônimo morreu devido à tortura.

Posteriormente, o jornal seguiu publicando matérias extraídas de outras redações para o leitor possuir um panorama das publicações, mantendo ainda, uma coluna intitulada *Questão Jerônimo*, na qual apresentava as últimas novidades do caso. A morte de Jerônimo é cheia de versões e de declarações contraditórias. Uma das primeiras críticas apresentadas na *Voz do Escravo* refere-se ao atestado de óbito expedido pelo médico da cidade. Segundo o médico, Jerônimo havia morrido por tétano. Posteriormente este modificou o laudo e afirmou ser a causa do óbito, peritonite. O jornal questiona se não foram os próprios charqueadores que modificaram o atestado para fugirem da vinculação com o caso. As discussões nos periódicos condenaram a postura do médico, tendo em vista que para a imprensa a causa da morte de Jerônimo era óbvia – excesso de violência. Para responder a estas dúvidas e às declarações das primeiras testemunhas, o corpo de Jerônimo foi exumado. Segundo o relato de Geraldo Casal de Lis, o corpo apresentava sinais de retaliação e do castigo sofrido, sendo possível comprovar que o corpo era mesmo do escravo – havia algumas testemunhas afirmando que a exumação havia ocorrido em outro escravo. Sendo assim, comprovou-se que o escravo havia morrido devido aos maus tratos aos quais fora submetido.

Não obstante, o jornal *Correio Mercantil*⁷ – apresentando-se como apartidário e “órgão de interesses gerais” – questionou o porquê da exumação, tornando-se o porta-voz dos acusados, publicando artigos que visavam ludibriar os leitores: “temos de um lado a opinião da medicina legal, que deve inspirar toda a confiança, e do outro a maledicência em sociedade com a especulação, inventando crimes, exercendo vinganças, que não podem merecer a menor consideração” (*CORREIO MERCANTIL* apud *A VOZ DO ESCRAVO*, 03/04/1881, p. 03, grifo original). A partir deste relato, *A Voz do Escravo* publicou uma matéria intitulada *Breve resposta* na qual João Cezar de Castro critica a postura do *Correio Mercantil* em questionar a legitimidade do assassinato. Ainda no mesmo exemplar, Bernardo Taveira Junior publica uma crônica alusiva ao sonho de um escravo:

⁷Antônio Joaquim Dias, proprietário e editor deste periódico, foi acusado como um dos algozes do crime pela folha ilustrada *Cabרון* devido à defesa que realizou dos acusados.

[...] Ainda há pouco vi um anjo. Atrás dele vinha um cativo como qualquer de nós com os pulsos algemados e os pés acorrentados. O anjo fez adiantar o escravo para o meu lado, e com um instrumento que trazia numa das mãos **começou por partir as algemas e as correntes ao cativo.** [...] **Venho hoje visitar-vos para prenunciar-vos a doce liberdade** de que vos não despojado os déspotas da terra! [...] Olha para este – e apontou-me o cativo a quem o anjo havia quebrado os ferros – é assim que ficareis todos livres (TAVEIRA JUNIOR, *A Voz do Escravo*, 03/04/1881, p. 04, grifo nosso).

É possível relacionar a crônica de Bernardo Taveira Junior com o caso do escravo Jerônimo. Nesta metáfora, o anjo quebra as correntes que prendiam Jerônimo e através de sua morte, ele obteve a sua tão sonhada liberdade. O assassinato do escravo repercutiu em toda a sociedade pelotense, sendo motivo de longos debates entre jornalistas da imprensa pelotense. Entretanto, a partir da reflexão deste caso pode-se questionar: Quantos escravos anteriormente se feriram por intermédio dos excessos de violência? Quantos escravos morreram por ordens de seus senhores? Quantos buscaram o suicídio como meio de escapar da escravidão? Todavia, apenas em 1881, com a morte de Jerônimo, é que a causa em prol da liberdade dos escravos tomou as colunas de jornais. Com a efervescência do caso na imprensa, a *Voz do Escravo* lança a ideia de criar-se um clube abolicionista.

A proposta do Club Abolicionista

“A cidade de Pelotas, uma das mais ricas do império, e sem dúvida alguma a mais importante do sul da Província, não possui ainda uma sociedade abolicionista!” (*A VOZ DO ESCRAVO*, 01/05/1881, p. 03). Neste exemplar é relatada a ausência de um clube abolicionista na cidade e a necessidade da criação de uma entidade voltada para a Abolição dos cativos. Nos exemplares subsequentes, o periódico reafirma o pedido. No entanto, a criação efetiva será apenas em 21 de agosto de 1881. O Club Abolicionista era composto por alguns abolicionistas, políticos e grandes proprietários, visando encaminhar a abolição de forma gradual, convencendo os senhores ou através da compra de alforrias, utilizando o pecúlio⁸do próprio escravo (LONER, 2012). De acordo com seu estatuto⁹, a entidade visava “beneficiar, [...] a infeliz classe dos

⁸De acordo com a Lei do Ventre Livre (Lei nº2040 de 28 de setembro de 1871): Art. 4.º - É permitido ao escravo a formação de um pecúlio com o que lhe provier de doações, legados e heranças, e com o que, por consentimento do senhor, obtiver do seu trabalho e economias. O governo providenciará nos regulamentos sobre a colocação e segurança do mesmo pecúlio. § 1.º - Por morte do escravo, a metade do seu pecúlio pertencerá ao cônjuge sobrevivente, se o houver, e a outra metade se transmitirá aos seus herdeiros, na forma da lei civil. Na falta de herdeiros o pecúlio será adjudicado ao fundo de emancipação.

⁹Segundo os Estatutos da Associação Emancipadora, fundada na cidade de Pelotas,

escravos, quer promovendo gradualmente a sua liberdade, quer empregando prudentemente os meios ao seu alcance para aliviar-la da opressão e rigores a que está sujeita”.

No entanto, o clube foi oficialmente inaugurado, em 16 de outubro de 1881, nos salões da Bibliotheca Pública Pelotense. Nesta ocasião, leu-se o estatuto, bem como, entregou-se catorze cartas de alforria. Para alforriar os escravos, o clube organizou leilões, bazares de prenda, espetáculos culturais, sessões solenes a datas alusivas à Abolição, como por exemplo, a promulgação da Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871. Além disso, estabeleceu um curso noturno (TAROUÇO, 2003). “Já em sua sessão de lançamento, a associação começa a enfrentar críticas, não pelas suas propostas, com as quais todos os periódicos apresentam concordância, mas por sua composição interna, pela ótica do Diário de Pelotas” (LONER, 2007, p. 62). O principal motivo contrário à composição interna do clube era o cargo de presidente ser ocupado por Piratinino de Almeida – advogado de Paulino Teixeira da Costa Leite no caso do assassinato de Jerônimo. Sendo assim, evidenciamos a atuação de Piratinino a favor dos charqueadores de Pelotas, contradizendo o objetivo do clube. Todavia, as contradições seguem. Segundo Tarouco (2003), o jornal Diário de Pelotas acusou os fundadores do Clube, principalmente Fernando Osório, de estar envolvido na causa em benefício de sua candidatura ao cargo de deputado geral pelo 4º Distrito. Em 1884, a situação piorou quando o Correio Mercantil publica que a entidade utiliza o pecúlio dos escravos:

O próprio clube abolicionista, segundo informações que nos prestam, tem recebido dinheiro dos escravos para libertá-los, tem-nos guardado em seu poder há muito tempo, e, quando os interessados lhe perguntam pelo fruto das suas economias e do seu suor ou então pela sua carta de liberdade, respondem-lhe friamente: - tem paciência; o clube agora não possui recursos; os papéis estão em andamento; - o teu pecúlio é pequeno; vai arranjar mais; etc. (CORREIO MERCANTIL, 06/05/1884, p. 01)

O jornal Onze de Junho passou a ser o porta-voz do clube, retratando e negando as afirmações da imprensa. O Club Abolicionista obteve grande destaque durante os anos de 1881 a 1884. Contudo, as denúncias ofuscaram a sua atuação, decepcionando uma parcela da população que desejava a Abolição, como destaca Tarouco (2003). Além disso, as disputas políticas nas quais a entidade estava envolvida repercutiram negativamente no jornal A Voz do Escravo, principalmente no âmbito da eleição para o cargo de deputado geral.

Província do Rio Grande do Sul, em 21 de agosto de 1881 e aprovados em sessão de Assembleia Geral em 22 de setembro de 1881.

As disputas políticas transformam a redação da Voz do Escravo

Em 1881, ano da criação d'A Voz do Escravo, publicou-se pela primeira vez o jornal A Discussão cujos proprietários são os políticos dissidentes do partido liberal como Fernando Osório, Marçal Pereira Escobar e os irmãos Saturnino e Epaminondas Piratinino de Almeida. O periódico colocava-se como abolicionista, mas de uma maneira moderada. Por isso, publicou em sua tipografia os primeiros exemplares do jornal A Voz do Escravo. Todavia a partir da denúncia da morte do escravo Jerônimo, deixou de publicar o periódico. Outra questão que envolveu os membros da redação d'A Discussão refere-se à candidatura ao cargo de deputado geral, na qual as divergências políticas tornam-se explícitas. "Fernando Osório tem prejudicado o seu desejo de ser o candidato do partido, pelas lideranças estaduais (principalmente Silveira Martins), tendo sido escolhido Francisco Maciel para concorrer pelo Partido Liberal" (LONER, 2007, p. 62). Dessa forma, Osório publica a sua insatisfação na imprensa e mantém sua candidatura, perdendo no primeiro escrutínio. Apesar disso, não apoia Maciel e sim o candidato conservador Dr. Tavares. "Como se pode imaginar, essa crise política do partido liberal na cidade é forte e alimentada pela imprensa" (LONER, 2007, p. 62). Tavares é eleito em 10 de dezembro de 1881.

Conforme Loner (2007), a crise do partido afetou toda a imprensa, incluindo A Voz do Escravo, acusada de tornar-se partidária, realizando campanha para Fernando Osório na eleição. Segundo o periódico, "depositando inteira confiança no caráter do Dr. Fernando Osório, no seu patriotismo e nas convicções de homem político, - espera o sufrágio dos abolicionistas em favor da candidatura do ilustre cidadão." (A VOZ DO ESCRAVO, 17/08/1881, p. 01) A eleição provocou um debate na imprensa, principalmente no âmbito do jornal A Voz do Escravo defender um candidato e deixar para segundo plano a causa abolicionista. Dessa forma, a questão foi criticada. "Assoalha-se por aí, à meia voz e assim a modo de velha mantilha que o Sr. Fernando Osório é o único candidato digno de receber os sufrágios dos abolicionistas" (DIÁRIO DE PELOTAS, 21/08/1881, p.02).

A questão política passou a ocupar as colunas d'A Voz do Escravo. Algumas dissidências ocorreram, de acordo com o periódico, "por motivos que não deve desvendar, deixará a redação daquele periódico o Sr. João José Cezar, abolicionista declarado e intransigente." (A VOZ DO ESCRAVO, 17/08/1881, p.04, grifo original). Sobre essa desavença, questiona-se o Diário de Pelotas:

Três foram os cidadãos que trabalharam na Voz do Escravo pela causa sublime da emancipação, e esses 3 cidadãos são sem dúvida alguma os representantes legítimos das aspirações do grupo abolicionista desta cidade. Pois bem: declare a Voz do Escravo se os Srs. Bernardo Taveira Jr., João José Cezar e Dr. Augusto Joaquim de Siqueira Canabarro aceitam semelhante especulação, e nós

pronunciáremos o mea culpa, comprometendo-nos até a sustentar os direitos do Sr. Osório perante os nossos amigos abolicionistas. Responda-nos o atual redator da Voz do Escravo, demonstrando os serviços do Sr. Fernando Osório como abolicionista, que nós aguardamos o seu pronunciamento. (DIÁRIO DE PELOTAS, 21/08/1881, p. 02)

A imprensa não viu com bons olhos a inclinação política do jornal A Voz do Escravo. “Como é que se tem coragem para em nome da santa causa da abolição, abrir campanha em favor de um candidato político, que não é nem nunca foi abolicionista?” (DIÁRIO DE PELOTAS, 22/09/1881, p. 02). Bernardo Taveira Junior possivelmente tenha se retirado da redação devido à campanha política virar o foco principal do periódico. Essa hipótese ampara-se nas notícias publicadas do jornal Diário de Pelotas:

Era uma das publicações que mais serviços poderia prestar à causa da abolição, se continuasse a ser dirigida pelas hábeis penas dos Srs. Taveira Jr. e João José Cezar, que tão brilhantemente sustentaram a propaganda. Isso porém não agradava aos exploradores políticos. Estamos em véspera de uma eleição – convinha transformar a Voz do Escravo, de folha abolicionista em órgão político, a fim de por ela advogar-se a causa de um dos candidatos à representação nacional. Foi o que se fez. (DIÁRIO DE PELOTAS, 22/09/1881, p. 02)

Segundo a notícia, o periódico deixaria de prestar serviços à causa abolicionista com a saída dos dois colaboradores. Como noticiado, agora o jornal preocupava-se mais com a causa política deixando de lado o seu objetivo que era ser o eco transmissor dos escravos, como propagaram em seu primeiro exemplar. Segundo Loner (1997), o apoio do jornal à Fernando Osório e a saída do jornalista João José Cezar, colocaram sob suspeição o Clube Abolicionista, que enfrentou uma resistência dos setores ligados ao Partido Liberal, que tinham como candidato Sr. Antunes Maciel, adversário de Osório nas eleições.

Considerações finais

Em setembro de 1881 A Voz do Escravo declara oficialmente seu apoio a Fernando Osório e as questões políticas tomaram conta do periódico, deixando em segundo plano a causa abolicionista. O jornal foi acusado pela imprensa local de tornar-se um “órgão da dissidência liberal” devido a defesa de Fernando Osório para as eleições e a insinuação que Francisco Maciel nada fez em relação à questão abolicionista. Além disso, o periódico sofreu críticas em torno da desistência de manter-se fiel a seu primeiro ideal: dar voz a causa abolicionista. Neste momento, impulsionado pela saída de Bernardo Taveira Junior e João José Cezar, o jornal perdeu fôlego e prestígio entre a imprensa local. Apesar da curta duração, A Voz do Escravo tornou-se importante ao denunciar a morte do escravo Jerônimo – questionando os motivos que levaram a falecer e tornando-o um símbolo da luta abolicionista – e

impulsionar a criação de um clube abolicionista. Somado a isso, publicou artigos, crônicas e poemas objetivando a conscientização dos leitores em prol da libertação do trabalhador escravizado, reforçando o papel da imprensa como importante veículo de divulgação de ideais do período escravocrata pelotense.

Fontes

Arquivo Municipal de Porto Alegre: **A Voz do Escravo**, Pelotas/RS, 1881.

Bibliotheca Pública Pelotense: **Correio Mercantil**, Pelotas/RS, 1884.

Bibliotheca Pública Pelotense: **Diário de Pelotas**, Pelotas/RS, 1881.

Estatutos da Associação Emancipadora fundada na cidade de Pelotas, em 21 de agosto de 1881 e aprovados em sessão de Assembleia Geral em 22 de setembro de 1881.

Referências bibliográficas:

ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa Rio-grandina (1868-1895)**. Tese de doutorado para PPGH PUCRS, 1998.

BARBOSA, Marialva. Os jornais e o mundo dos escravos. IN: BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1800-1900)**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. São Paulo: Global, 2010.

GONÇALVES, Mariana Couto. **“Escravo, encara o céu; crê e espera”**: As crônicas abolicionistas de Bernardo Taveira Junior. Pelotas: UFPel, 2012. (monografia em história)

LONER, Beatriz. A revolta que oficialmente não houve. IN: **História em revista**. Pelotas, v.3, novembro de 1997, p. 29-52.

_____. **Abolicionismo e imprensa em Pelotas**. Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos: Imprensa, História, Literatura e Informação. Rio Grande: ED. FURG, 2007, p. 57-64.

_____. Abolição. IN: LONER, Beatriz. GILL, Lorena. MAGALHÃES, Mario Osório (org.). **Dicionário de história de Pelotas**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2012, p. 8-9.

_____. **Família Santos.** Disponível em:
<http://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Beatriz-Loner-texto.pdf>,
acessado em 11 de junho de 2013.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder:** o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TAROUCO, Sílvia Maria Peligrinoti. **A atuação de clubes e sociedades abolicionistas em Pelotas na década de 80 do século XIX.** Pelotas: UFPel, 2003. (Monografia em história)

Abstract: The city of Pelotas, in the course of the nineteenth century, became prominent in the Province of Rio Grande do Sul due to the economic power generated by the production and export of salted meat, developing an elite “charqueadora” and slavery. As they established new “charqueadas”, the concentration of black workers increased considerably, reaching its apex in 1884, with the largest percentage of slaves in the Province. From the 80, the abolitionist cause has spread across the country and, in Pelotas, culminated in the creation of the newspaper *A Voz do Escravo* in 1881. The journal was founded with the purpose of being eco transmitter campaign for emancipation servile, becoming thus the first manifestation printed exclusively dedicated to the cause. Writers, journalists and writers protested against slave labor by chronic criticism, complaints, poems and articles. Thus, the publication of *A Voz do Escravo* is considered the first phase of the Abolition Pelotas. Thus, the communication aims to elucidate the first demonstrations contrary to slave labor and how the journal was crucial in intensifying these discussions, creating the foundation of the Club Abolitionist and reporting the murder of a slave Jerome - symbol of the fight against slavery in Pelotas.

Keywords: *A Voz do Escravo*, Pelotas, Abolition.
